



**OLHARES MASCULINOS E
MODOS FEMININOS
A MULHER SEDUTORA NOS
RELATOS DOS VIAJANTES**

Antônio Emilio Morga

Mestre em História Social (USP) e
professor da UFMS (Dourados)

No século passado, Nossa Senhora do Desterro recebeu a visita de vários viajantes estrangeiros que registraram, em seus relatos, suas impressões sobre a Ilha de Santa Catarina e, em particular, da sociabilidade feminina. Nos interessa, neste artigo, analisar de que forma os viajantes estrangeiros deram ênfase a uma mulher sedutora.

Palavras-chave: Mulher Sedutora; Sociabilidade

In the last century Nossa Senhora do Desterro received the visit from various foreign travellers and they inscribed their impressions about the island of Santa Catarina and in special about the female sociability in their reports. We are concerned to analyse, in this article, which form the foreigner travellers gave emphasis to a seducer woman.

Keywords: Seducer Woman; Sociability

A vila e posteriormente a cidade de Nossa Senhora do Desterro — atual Florianópolis — recebeu, no decorrer dos séculos XVIII e XIX, a visita de vários viajantes estrangeiros — engenheiros militares, naturalistas, médicos, mercenários e aventureiros — que nela estiveram por diferentes motivos e que registraram, em uma série de relatos, suas impressões sobre a ilha de Santa Catarina e sobre as práticas sociais dos seus habitantes. Os relatos que estudamos compreendem o período de 1712 a 1828 (BERGER, 1984) e o que neles analisamos são as leituras que os viajantes fizeram sobre as práticas afetivas femininas.

A Ilha de Santa Catarina era um ponto estratégico de reabastecimento dos navios nacionais e estrangeiros que nela aportavam em busca de víveres necessários à existência das suas tripulações. O fato de os preços praticados nesta região serem inferiores aos preços de outros portos, e as qualidades portuárias da Ilha, foram fatores que contribuíram para que Desterro recebesse, no decorrer dos séculos XVIII e XIX, a visita dos viajantes estrangeiros (BERGER, 1984).

Não podemos perder de vista que estas narrativas foram escritas para leitores que não eram os habitantes da localidade descrita, nem que as imagens que construíram das mulheres decorreram de valores éticos provenientes de uma outra vivência cultural. Este fato é relevante na medida que também possibilita pensarmos que os viajantes eram narradores para um público de leitores cujas condutas são regidas por princípios morais e estéticos que, a princípio, diferenciavam-se das práticas de sociabilidade da população da Ilha.

No dizer dos viajantes, as mulheres da Ilha eram belas e cordiais com os estrangeiros, adoravam conversar sobre o amor e recebiam de “bom agrado” os presentes que lhes eram oferecidos. Tinham predileção pela música, dança e pelas

intrigas amorosas que corriam soltas. Além do que, se vestiam com mais elegância e bom gosto do que as mulheres de outras regiões do Brasil. Adoravam passeios clandestinos mas, quando em apuros, sacrificavam seus amantes para defender sua honra. Observamos que estes temas são características que permeiam as falas dos viajantes ao registrarem as práticas afetivas das mulheres de Desterro no decorrer dos séculos XVIII e XIX.

Devemos ter em conta que a leitura que os viajantes fizeram das mulheres da Ilha era proveniente do universo cultural europeu, no qual eles estavam inseridos.

Outro ponto a ser considerado é o fato de que as mulheres com quem eles se relacionaram, no espaço público da Ilha, eram brancas, enquanto que em outras regiões do país as mulheres que circulavam no espaço público se constituíam sobretudo de negras, mestiças e caboclas (DIAS, 1984, p. 152), acontecimento que provavelmente instigava o imaginário dos viajantes.

Na Ilha de Santa Catarina, as mulheres eram freqüentemente vistas circulando no espaço público: igrejas, bailes, procissões, lojas, praças e reuniões sociais diversas. Estes locais ofereciam aos viajantes um amplo campo de leituras possíveis. É provável que o relativo nivelamento social da população da Ilha no século XVIII e a cartografia de uma elite incipiente na primeira metade do século XIX, diluísse, para a percepção dos viajantes, as desigualdades sociais, pois o contraponto mais recorrente que encontramos nos relatos de viagens, relaciona-se ao contraste entre os hábitos e os costumes da mulher urbana e da mulher rural da Ilha e do litoral continental.

O naturalista Georg Heinrich von Langsdorff, que esteve na Ilha em 1803 e permaneceu nesta região até fevereiro de 1804, registrou a sociabilidade e a elegância das mulheres.

“As representantes do sexo feminino não são feias e entre as mulheres de classe mais alta estão algumas que, mesmo na Europa, teriam motivos para se afirmarem como beldades. Na maioria são de estatura média, bem constituídas, de cor castanha (“basané”), se bem que algumas são muito claras, têm fortes cabelos pretos e olhos escuros e sensuais (...). Presentes europeus, mesmo os mais insignificantes, como fitas, brincos, etc., são gratamente recebidos” (BERGER, 1984, p. 163).

Segundo Michelle Perrot, a paixão das mulheres por objetos que as remeta ao jogo lúdico da lembrança de um momento vivido, correspondem a “mil nadas” que povoam as lembranças femininas. E estas lembranças, muitas vezes, pertencem à intimidade amorosa, lugar da imaginação e do contato. Portanto, “presentes recebidos por ocasião de um aniversário ou de uma festa, bibelôs trazidos de uma viagem ou de uma excursão” (PERROT, 1989, p. 13), têm, para a intimidade feminina, uma correspondência de significações:

“As mulheres têm paixão pelos porta-jóias, caixas e medalhões onde encerram seus tesouros: mechas de cabelo, jóias de família, miniaturas que, antes da fotografia, permitem aprisionar o rosto do amado” (PERROT, 1989, p. 13).

O gosto pelos adornos e a vida em sociedade, cultivados pelas mulheres da Ilha, mereceu, na segunda metade do século XIX, um questionamento por parte de um pregador.

“O predicante do Rosário afirmou, em termos absolutos, que - as jóias, sedas e custosos adornos, com que as mulheres se apresentam, são obtidos à custa de sua honra” (O DESPERTADOR, 1868).

A nota publicada em 1868, no periódico *O Despertador*, dirigia-se a um público interno e dialogava com os hábitos da comunidade em que estava inserido. Neste caso, a narração das práticas afetivas femininas não se distanciava da existência do narrador nem dos personagens constituídos pelos discursos. Tinham como objetivo intervir nos costumes das mulheres da Ilha.

O primeiro relato que temos em mãos a falar da sociabilidade feminina em Desterro no século XVIII foi registrado pelo abade beneditino Antoine Joseph Pernetty, que chegou à Vila de Nossa Senhora do Desterro em 29 de novembro de 1763 e constatou que:

“As portuguesas estabelecidas ou nascidas na Ilha de Santa Catarina e nas costas da terra firme que percorremos, são muito brancas de pele, apesar do calor do clima. Elas possuem, em geral olhos grandes e bem puxados, mas de rosto pouco embelezado” (BERGER, 1984, p. 83).

Paulo José Miguel de Brito, que esteve na Ilha em setembro de 1797, também ficou admirado dos modos sociáveis das mulheres. Ao comparar as mulheres da Ilha com as de outras regiões do Brasil, pondera que não encontrou nas mulheres de outras paragens a “polidez, urbanidade e boas maneiras” que tinha percebido nas mulheres da Ilha de Santa Catarina.

“As mulheres são em geral agradáveis em suas maneiras; observam cuidadosamente os seus deveres domésticos; (...), ou as mais polidas e civilizadas são dotadas de muita urbanidade, de maneiras dóceis, e meigas; são inclinadas aos divertimentos; sabem cantar, tocar alguns instrumentos de cordas, dançar e não se observa nelas aquela bisonhice que se encontra nas mulheres de outras Capitâneas do Brasil” (BRITO, 1932, p. 74).

O naturalista Auguste de Saint-Hilaire, em sua viagem pela província de Santa Catarina em 1820, avaliza o registro que Miguel de Brito fez sobre a cordialidade e sociabilidade da mulher da Ilha e confirma o que um abade beneditino, em 1763, registrou sobre a beleza feminina.

“As mulheres são muito claras; de um modo geral têm olhos bonitos, os cabelos negros e muitas vezes uma pele rosada. Elas não se escondem à aproximação dos homens e retribuem os cumprimentos que lhes são dirigidos. Já descrevi os modos canhestros das mulheres do interior, que ao saírem às ruas caminham com passos lentos umas atrás das outras, sem virarem a cabeça nem para um lado nem para o outro, e sem fazerem o menor movimento. Não acontece o mesmo com as de Santa Catarina” (SAINT-HILAIRE, 1979, p. 173-174).

Fato que, segundo ele, as diferenciava das mulheres de outras regiões do Brasil. Tendo constatado o desembaraço das mulheres da Ilha, ao compará-las às mulheres de Minas Gerais, Saint-Hilaire formula juízo ético diante das práticas sociais das mulheres de Desterro.

“Elas não demonstram o menor embaraço, e às vezes chegam mesmo a ter um certo encanto; freqüentam as lojas tão raramente quanto as mulheres de Minas (1820), mas quando andam pelas ruas em grupos, colocam-se geralmente ao lado umas das outras; não receiam dar o braço aos homens e muitas vezes chegam a fazer passeios pelo campo. Para sair elas não se envolvem num manto negro ou numa capa grossa, se vestem com mais decência e bom-gosto do que as mulheres do interior” (SAINT-HILAIRE, 1979, p. 173-174).

Seu arguto senso de observação perscrutou o comportamento dos Ilhéus durante cerimônia matrimonial acontecida num domingo ao entardecer.

“O sacerdote paramentou-se e deu início à bênção nupcial, e durante o tempo que durou a cerimônia, os noivos e os assistentes conversaram e riram como se estivessem numa praça pública” (SAINT-HILAIRE, 1979, p. 182-183).

Em suas andanças por terras brasileiras, e em particular a província de São Paulo, Saint-Hilaire vivenciou experiência social que se difere completamente daquela usufruída em Nossa Senhora do Desterro. Enquanto em Desterro o viajante conviveu socialmente com a presença feminina, o mesmo não ocorreu na província paulistana:

“Fui à casa de uma das pessoas mais distintas da cidade, e, como a mesma se encontrasse no momento de se pôr à mesa, convidou-me para jantar; aceitei o convite, mas jantamos sós, pois sua mulher não apareceu” (SAINT-HILAIRE, 1979, p. 197-198).

Eni de Mesquita Samara, ao desenvolver estudo sobre a condição da mulher e sua relação com a estrutura familiar, observou que a cidade de São Paulo, no século XIX,

“vivía nessa época um processo incipiente de urbanização, onde a coexistência de livres e escravos nas ruas e nos domicílios caracterizava as relações familiares e de trabalho” (SAMARA, 1989, p. 10).

Margareth Rago, ao comentar a ausência da mulher pertencente à classe média no espaço público da cidade de São Paulo, no século XIX, indica, através do depoimento de Maria Paes de Barros “*que observa os costumes e valores morais da sociedade*” na qual estava inserida, que “raramente as mulheres das classes abastadas saíam às ruas e só o faziam acompanhadas. Até as compras eram feitas por pagens, já que uma senhora respeitável nunca entrava numa loja” (RAGO, 1991, p. 52).

A visibilidade feminina testemunhada pelos viajantes, na Ilha de Santa Catarina, nos leva a uma mulher sedutora. Contudo, devemos ficar atentos para a construção da mulher neste período, pois uma das características mais marcantes destes séculos foi a veiculação de uma série de manuais, de diversas procedências, orientando as práticas de sociabilidade. Neste sentido, proliferavam os livros de boas maneiras com o intuito de conciliar a arte da sedução com as regras de etiqueta, que tinham como objetivo ensinar uma série de técnicas para orientar os contatos entre os sexos.

“ensinando as mulheres como se portar diante dos homens, como aceitar a corte, aconselhando que as relações “*fossem estabelecidas com excessiva cautela*”, que as cabeças não se chegassem muito perto lendo o mesmo livro, que as moças “*não aceitassem sem necessidade o auxílio para se cobrir com a capa, o xale, calçar as galochas*”, etc.” (SOUZA, 1987, p. 92).

Para os moralistas, as mulheres deveriam tomar todo cuidado com as suas formas de sociabilidade, pois ao se encontrarem expostas, “as mulheres perigam em serem vistas, ou em se darem muito a ver” (SILVA, 1984, p. 71), portanto, a mulher deveria se precaver, isto é, deveria optar por uma vida restrita ao mundo social privado. Agindo assim, a mulher estaria “salvando” sua honra, pois “a sua melhor fama é não ter fama” (SILVA, 1984).

O discurso moralista da época construía discursos referentes às virtudes necessárias na mulher que se pretendia tomar como esposa. No século XVIII, Francisco Joaquim de Souza Nunes escrevia: “seja pois a mulher que se procura para esposa formosa ou feia, nobre ou mecânica, rica ou pobre; porém, não deixe de ser virtuosa, honesta, honrada e discreta” (SILVA, 1984, p. 70).

Robert de Blois recomenda às donzelas,

“conduzir-se bem no mundo. Damas devem saber falar com graça quando estão em sociedade, mas não tagarelar demais, pois passarão por pedantes e fúteis, enquanto as silenciosas serão tidas por tolas. Diante dos homens, espe-

ra-se que sejam ao mesmo tempo afáveis e reservadas: nada de muita amabilidade, se não querem ser acusadas de impudência” (DIBIE, 1988, p. 77).

O recato no viver e no vestir fazia parte da clivagem das condutas femininas no século XIX, e deveria ser atentamente observado para evitar constrangimentos. Estas prescrições comportamentais, referentes às atitudes femininas e ao seu modo de trajar, como veremos mais adiante em Nossa Senhora do Desterro, causaram uma série de interpretações por parte dos viajantes estrangeiros e por determinados setores sociais.

Neste sentido, podemos perceber que o olhar dos viajantes não era linear. Alguns se diferenciavam na medida de perceber a mulher no espaço público. Uma destas distinções poderia ser de ordem moral. Condicionados por valores provenientes da cultura européia, os viajantes, ao vivenciarem os usos e os hábitos da população da Ilha, não estavam isentos de um pré-julgamento. É bom lembrar que, mesmo sendo filhos da cultura européia, os viajantes tinham formação, experiências e interesses diversificados, que transparecem nos seus relatos e na maneira de ver os mesmos objetos.

Não foram só os viajantes que censuravam o desgarre das mulheres de Desterro. A *coquetterie*, ao que tudo indica, fazia parte do cotidiano das mulheres da Ilha. Em 1857, um denunciante anônimo que se identificava como *O Almocreve*, através do jornal *O Argos*, reclamava contra “*as senhoras irrefletidas que se animam a entrar na casa de Deus para orar, com o chapelinho na cabeça, como foi visto na igreja do Menino Deus*” (CABRAL, 1979, p. 291).

Não satisfeito pela denúncia, sugeria o severo censor que “*as senhoras conservassem os seus chapéus na mão ou os entregassem às suas mucamas*” (CABRAL, 1979, p. 291).

Quanto aos censores que ficavam policiando o gosto das mulheres pelos atavios, suas censuras não mereciam o menor crédito diante do público feminino. Segundo Cabral, o descrédito aos censores fica evidenciado nas festas religiosas, onde “*as mulheres pouca bola estavam dando para os censores e, nas festas e procissões, exibiam os seus atavios, como em todas as épocas*” (CABRAL, 1979, p. 291). Sobre os atavios utilizados pelas mulheres da Ilha de Santa Catarina, em dias de festas, Cabral relacionou os seguintes adornos perdidos pelas mulheres num só ano: “1 pulseira de contas de coralina fina encastoadas em ouro; 1 alfinete de peito, de ouro e pedras finas; 1 pulseira de ouro com labores”.

Teria o mesmo sentido o uso dos adornos pela mulher do nordeste canavieiro e pela mulher da Ilha de Santa Catarina? No Nordeste patriarcal, segundo Gilberto Freyre, onde predominava a vontade do homem sobre a mulher, cujo papel na vida masculina era ser um objeto ornamental com a finalidade de se embelezar para os

olhos do pai, irmão, marido e filho, os adornos “*passaram a constituir testemunho do apreço dos homens*” diante de suas mulheres que,

“por suas graças físicas que deveriam merecer o máximo de aperfeiçoamentos, através de artifícios que enfatizassem artisticamente os encantos naturais de condições especificamente feminina” (FREYRE, 1987, p. 42).

Segundo Michelle Perrot, a historiografia tradicional reserva pouco espaço para as mulheres na medida em que “*privilegia a cena pública*”, lugar do masculino. E é dentro desse cenário, onde a política e a guerra são os personagens perententes ao mundo masculino, que a mulher torna-se, em muitas situações, relações públicas do marido. A cidade

“do século XIX é um espaço sexuado. Nela as mulheres se inserem como ornamentos, estritamente disciplinadas pela moda, que codifica suas aparências, roupas e atitudes, principalmente no caso das mulheres burguesas cujo lazer ostentatório tem como função mostrar a fortuna e a condição do marido” (PERROT, 1989, p. 10).

Nesta perspectiva, poder-se-ia dizer que a *coquetterie* estava veiculando a opulência econômica do homem ao qual a mulher no século XIX estava ligada por laços afetivos de esposa, filha e mãe.

Louis Isidore Duperrey, viajante francês que esteve na Ilha em pleno ano da Independência (1822), observou o vestuário feminino. “*As senhoras adotaram as modas francesas; e trajadas com simplicidade e elegância elas atraem as homenagens. São cheias de vivacidade. Vimos algumas que eram lindas*” (BERGER, 1984, p. 264).

A respeito das mulheres que habitavam o litoral continental, chamou atenção para o fato de que,

“Embora ponham um certo esmero em seus adornos, elas usavam vestimentas simples de uma beleza notável. Um vestido leve de chita que desenha uma estrutura bem apanhada, flores colocadas com arte sobre a bela cabeleira, lhes dão um ar provocante. Elas possuem aquela coqueteria tão comum ao seu sexo” (BERGER, 1984, p. 258).

Duperry, ao dar seu testemunho sobre a sociabilidade feminina, atesta com aval de verdade o depoimento de outros viajantes que o precederam, quando estes se referem à benevolência com que as mulheres da Vila de Nossa Senhora do Desterro se dedicavam aos estrangeiros.

“mas existe em seus costumes algo que pareceria contraditório com a vida retirada que elas levam no campo, pois que freqüentemente fazem amizade com os marinheiros que aportam em suas portas” (BERGER, 1984, p. 258).

Em suas excursões pelo litoral de Santa Catarina, o naturalista francês René Primevère Lesson (1822) relata os modos de vida dos habitantes. Descreve as habitações como lugares simples, onde os móveis compõem-se de alguns objetos grosseiros que, segundo ele, indicam a carência de recursos materiais que possibilitariam uma vida de conforto e bem-estar. Contudo, segundo ele, é no aposento da “*dona da casa*” que se encontra um certo conforto onde alguns simples arranjos, tais como: “*utensílios de cobre e uma estampa colorida ou uma madona*”, fazem parte deste cenário que servia como peça de recepção.

Quanto aos habitantes dessa região, Lesson os retrata como “*afáveis, atenciosos e solícitos*”. E relatou os costumes das mulheres,

“e suas jovens filhas, seguindo o costume, corriam a procurar algumas flores e compunham ramalhetes que eram oferecidos com um sorriso sobre os lábios com gestos os mais desembaraçados (...) as moças daqui, com a galanteria inerente ao seu sexo, sabem se pôr (...). Um vestido de chita cobre levemente sua estrutura, sem esconder a docilidade, (...) o que unido a olhares expressivos justificam bastante o extraordinário ciúme dos maridos e a vigilância dos pais” (BERGER, 1984, p. 267).

Não passaram despercebidas para o naturalista as múltiplas formas de sedução que os estrangeiros possuíam.

“Núbeis desde muito cedo, as jovens estão com a idade de doze ou treze anos engajadas nos laços do himeneu. Elas revelam aos estrangeiros uma benevolência que se declarou desde o primeiro vislumbre. É verdade que estes possuem inúmeros meios de sedução, e que os presentes temperados com suas palavras apresentam-se de uma forma tão arrebatadora que é difícil resistir” (BERGER, 1984, p. 267).

Sobre os jogos do amor e da honra da mulher da Ilha faz a seguinte observação.

“Eu as vi bonitas: disseram-me que elas são como as mulheres civilizadas pois adoram as intrigas amorosas. Todavia é preciso amantes ousados porque, seus maridos ciumentos são vigilantes, e, nas circunstâncias difíceis elas estão sempre prontas a sacrificar seus galantes para salvar sua honra” (BERGER, 1984, p. 274).

Para Maria Beatriz, a noção de “*honra*” em Souza Nunes, encontra-se associada à noção da “*fama*”, entendida aqui como opinião pública. Não podemos esquecer que Nunes é um homem inserido na cultura do Antigo Regime, onde fama, reputação e honra pertenciam ao domínio do espaço público e tinham como estratégia regulamentar as práticas de sociabilidade. A opinião pública problematizava a moral e a ordem, em uma época em que as emoções e a intimidade do sujeito eram objetos a serem administrados pela religião cristã e pela psico-

logia que veiculavam que os homens vivem também das intenções. Também neste período, acreditava-se que a mulher não deveria saber ler e nem escrever. Permanecendo nas “*trevas*”, evitaria de se envolver nos jogos sedutores que poderiam causar uma série de transtornos para a mulher, como observa Suzana Comte:

“Assim não se poderá comunicar-lhe galanteios que se hesitaria dizer em sua presença; sem contar que o Diabo é tão maligno que inspiraria talvez às mais sensatas o desejo de responder” (*apud* DIBIE, 1988, p. 77).

Para a mulher do Brasil patriarcal, a honra simbolizava o culto ao recato e obediência ao pai, irmão, filho e marido. Para se ter uma idéia do que representava a honra no Brasil colonial, “*a mulher pagava com a vida a mais leve suspeita de adultério, pois o marido não hesitava em matar para salvar sua honra, ou a aparência dela*” (SILVA, 1984, p. 194).

Segundo Eni Mesquita Samara, o adultério ou a quebra da fidelidade matrimonial era considerada uma falta grave para ambos os sexos. O Código Filipino se caracterizava pela brandura na punição do homem adúltero. Já o antigo direito português punia com pena de morte o adultério, tanto a mulher casada como seu cúmplice. Diz ainda Samara, que o código criminal brasileiro de 1830 manteve a mesma distinção em relação aos sexos.

No fundo, quaisquer que fossem as recomendações e o enclausuramento das mulheres, o que importava, para o homem, era que elas não abandonassem o espaço doméstico, que não fizessem como Tristão e Isolda, que, “loucos de amor, lançam-se no espaço da sem-razão, num país estrangeiro” (DIBIE, 1988, p. 77).

Carl Seidler, mercenário suíço-alemão contratado pelo exército imperial para lutar na campanha da Cisplatina, desembarcou no porto da capital da província de Santa Catarina numa manhã de 1825. A noite que passou, até o rompimento da manhã redentora, é narrada por ele como uma longa noite, cheia de expectativa e ansiedade diante do “*fabuloso paraíso do novo mundo*”.

“Muito especialmente me haviam gabado a cordialidade e gentileza dos moradores, a beleza e sociabilidade das senhoras (...) e o romântico dos passeios; que milagre, pois, que eu hoje desejasse que amanhecesse algumas horas mais cedo para que, quanto antes melhor, se me abrisse esse fabuloso paraíso do novo mundo. Não tive mais sono; impaciente e como um amante cheio de saudade ou como um enfermo febricitante, esperei no convés pelo raiar do dia” (SEIDLER, 1980, p. 241).

E confirma o que “*ouvira*” sobre os modos das mulheres de Desterro:

“O que eu ouvira a respeito das senhoras me pareceu confirmado desde o primeiro dia, pois à tarde, estando eu à janela com alguns de meus conheci-

dos, ao passearem diversas dessas belas diante de casa com o seu desembaraço à portuguesa, foram elas as primeiras a nos saudar, contrariamente aos costumes brasileiros, e com uma amabilidade e olhares tais que bem se podia compreender que os oficiais estrangeiros lhes eram hóspedes bem apreciados” (SEIDLER, 1980, p. 241).

Ao vivenciar o cotidiano da população da Ilha, Seidler constata que “*As jovens, (...) não são tão retraídas e tímidas*” como as mulheres do Rio de Janeiro que “*ao entrar, as senhoras ou moças fugissem*”; ao contrário, em Desterro, juntamente com seus amigos, se sentia estimulada a pedir o “*necessário fogo e um copo com água*” e em algumas oportunidades as beldades da Ilha de Santa Catarina nos convidavam “*para entrar na casa*”, e nestas ocasiões,

“então todo pessoal feminino aparecia nos melhores trajes e procurava por meio de palestra à vontade, alegre e às vezes espirituosa, distrair da melhor maneira possível o hóspede” (SEIDLER, 1980, p. 261).

Observe-se ainda as descrições picantes que Seidler fez sobre as mulheres de um povoado de pescadores no litoral continental próximo à Ilha de Santa Catarina. A narrativa ocorre quando este chega no povoado da Armação das Baleias.

Tendo chegado no povoado de pescadores já no meio da noite e não sabendo a localização precisa da residência do velho amigo pescador, bateram na primeira porta que avistaram. E, para sorte dos viajantes, era a casa do filho do pescador que procuravam. Após as devidas apresentações e muita insistência do dono da casa dispuseram-se “*a passar o resto da noite em casa dele*”. Enquanto jantavam, o dono da casa saiu como “*possesso*” a visitar outras casas, “*a despertar os moradores e convidá-los a irem passar a noite a bailar na casa dele*”.

“Não decorrera meia hora, começaram a aparecer homens, mulheres e raparigas, todas em trajes noturnos, com muitas fitas multicolores e todos ao que parece muito contentes com a nossa visita noturna. Por fim regressou também o dono da casa, acompanhado de umas dez raparigas levianas e levemente vestidas e um espanhol desgarrado, no qual bem se adivinhava pelos olhos a nadarem num luar escuro o alcoviteiro bandido” (SEIDLER, 1980, p. 247).

No início “*tudo estava meio rígido e cerimonioso*”, somente os visitantes se encontravam distraídos e desembaraçados. Os pescadores conservavam-se “*como se não soubessem abrir a boca*”. Mas

“depois de esvaziadas diversas garrafas de cachaça, repentinamente desembaraçou-se a língua aos homens e às mulheres, de tal maneira que ao mais

calmo observador pareceria que queriam depressa ressarcir o tempo perdido” (SEIDLER, 1980, p. 247).

Ao acordarem, com o sol já alto, o viajante e seus amigos são surpreendidos pela cordialidade dos *“inocentes filhos da natureza”* em oferecer o pouco que possuíam — café, farinha e peixe — para se alimentarem. Logo após o almoço apareceu finalmente o velho pescador, *“endomingado e em companhia de diversas raparigas enfeitadas festivamente e visivelmente ansiosas de amor”*.

“Recomeçou o bacanal e por mais que pretendêssemos novamente ser meros espectadores do mistério, fomos ostensivamente provocados pelas damas pescadoras, dentre elas algumas ondinas bem tentadoras, e mais não pudemos resistir a também tomar parte. (...), e por mais desajeitados que fôssemos nos diversos jeitos e trejeitos do corpo, parece que as suarentas brasileiras muito se agradavam de nós, pois quase todas ao mesmo tempo queriam dançar conosco” (SEIDLER, 1980, p. 248).

Envolvido pela dança e pela solicitude *“das suarentas brasileiras meio nuas”*, neste momento da festa, deixa transparecer o modo como foi arrastado a participar dos acontecimentos.

“O espanhol tratava seu bandolim inválido com uma modelar resistência: a terra tornou-se mar e, no turbilhão da ebriedade produzida pela cachaça, as sereias do meio dos caniços subiram ao carro do coral a puxar para o fundo, ao voluptuoso leito, o ansioso cavaleiro” (SEIDLER, 1980, p. 248).

Em nenhum momento de sua narrativa Seidler tenta compreender qual juízo ético fundamentava as práticas afetivas das mulheres da comunidade em que se encontrava. Ao omitir uma leitura que levasse seus leitores ao entendimento do que acontecia nesta região, Seidler provocava a imaginação do leitor, para que este elabore a mulher sedutora do Brasil e em particular da mulher da Ilha de Santa Catarina. Avaliando as condutas das mulheres, a partir de princípios morais pretensamente universais, as narrativas refletem esses valores, que eram destinados a leitores que, a princípio, pertenciam ao mesmo universo cultural de Seidler. Se não tivermos isto em conta, incorremos no mesmo erro do viajante, de não perceber outras leituras capazes de revelar os princípios éticos subjacentes às práticas sociais das mulheres das regiões que visitava.

A narrativa mais surpreendente sobre as mulheres do litoral de Santa Catarina foi a do aventureiro suíço Heinrich Trachsler (1828), na *“Vila de São Francisco de Laguna”*. Em toda parte fomos recebidos atenciosamente inclusive pelo belo sexo, diante desta amabilidade todo o batalhão arrumou namorada, *“e pouco importava aos soldados se eram brancas ou pretas”*.

Trachsler registrou como sucumbiu, ao primeiro olhar, aos encantos da “*querida Francisca*”. Conta ele que,

“Enquanto vadiamos até a extremidade da Vila, fomos cativados por um belíssimo rosto de Madona e ficamos como que paralisados (...). Debruçada a meio corpo fora da janela, avistamos, tomados de encanto e dignos de inveja um opulento e ondeante colo, cuja brancura e volume harmonioso transparecia velado, traiçoeiramente, por um simples e leve vestido de trabalho caseiro; por aí chegava-se à conclusão dos ricos e viçosos encantos desta Psique tropical” (BERGER, 1984, p. 234).

O suíço aventureiro “*extasiado*” pelo “*belíssimo rosto de madona*” toma a decisão de bater à porta da casa, usando como pretexto a possibilidade de adquirir alguns alimentos. Se não foi possível a obtenção dos alimentos, pelo menos nosso aventureiro foi convidado a tomar uma xícara de café.

“Atrás da escrava, que trazia o café e as xícaras ao quarto, seguiu a senhora idosa em companhia de três gracinhas, estando à frente a nossa formosa com as suas duas irmãs, igualmente belas, que, com as faces coradas, nos saudavam com distinta educação. (...) A preta serviu o café enquanto os anjos sorviam com seus lábios de rosa a bebida preferida dos brasileiros” (BERGER, 1984, p. 325).

A conversa despreziosa e a troca de gentilezas, ocorrida entre os viajantes e as mulheres que visitavam, é descrita pelo aventureiro: “*É fácil imaginar como nós, jovens rapazes, íamos nos derretendo como açúcar*” (BERGER, 1984, p. 326).

Nesta passagem “*íamos nos derretendo como açúcar*”, não estaria nosso aventureiro “*possuído*” pelo desejo que fluía diante do aconchego familiar propiciado pelos encantos que este encontro proporcionava? Teria Trachsler discernimento do que realmente acontecia? Ou estaria entregue a sua imaginação ao registrar os momentos, por ele e seus amigos, vivenciados e experimentados? Parece-nos que o momento lúdico e o aconchego familiar no qual o viajante permaneceu inserido por algumas horas proporcionaram-lhe uma convivência prazerosa. Em certos momentos, o aventureiro deixa transparecer a ambigüidade do seu olhar diante do vivenciado naquele momento por sua existência. Ora colocando-se como observadores ativos na construção do lúdico: “*desejávamos e esperávamos por elas*”, ora como observadores inocentes, pois se consideravam “*verde na arte do amor*”, diante da voluptuosidade feminina. É importante observarmos a trajetória de sua narrativa. Através dela, podemos perceber a ambigüidade da sua fala. Primeiro, induz seus leitores a imaginar que as mulheres com quem dialogava se insinuavam graças aos seus ardis sedutores. Num segundo momento, se coloca na condição de seduzido e de uma ingenuidade angelical. Em outro

momento, não afirmava e nem negava a construção de sua fala; ele orienta, guia, conduz seus leitores a fazer a leitura que melhor lhes convém. E, finalmente, reconhece que é “*pela boca profana dos soldados extasiados*” que são proferidos os elogios diante das práticas afetivas das mulheres que visitava.

Com o coração possuído pela doçura da descoberta da “*querida Francisca*”, o aventureiro suíço Heinrich Trachsler descreve com ternura a paixão com que sua imaginação fluía na despedida.

“Mas, ao sentir em minhas mãos a trêmula e sedutora mão da querida Francisca, experimentei uma sensação indiscutível; procurei os doces lábios deste anjo e dei ligeiramente um atrevido mas doce beijo nesta boca de cereja. Por um momento divino encontrou-se meu peito com o sinuoso seio e ela soprou estas palavras de despedida: “Adeus querido amigo”; e eu não era capaz de suportar o encanto desta proximidade sem comprometer a honra do meu coração ou deixá-lo à mercê” (BERGER, 1984, p. 328).

A cumplicidade dos viajantes diante dos acontecimentos se torna evidente na medida em que eles constroem a imagem da fluidez das práticas afetivas femininas e afirmam constantemente terem gozado dos prazeres propiciados pelas práticas de sociabilidade da população feminina da Ilha e do litoral. Em vários relatos de viagens essa cumplicidade é colocada de forma sutil, como se estivessem sendo simplesmente narradores das práticas sociais da população. Entretanto, uma leitura mais atenta dos fatos narrados pelos viajantes demonstra que eles são partícipes na construção da imagem da mulher sedutora da Ilha e do litoral de Santa Catarina. Ao tentarem envolver seus leitores nas suas aventuras amorosas, os viajantes sugerem que foram partícipes dos acontecimentos e não meros espectadores.

“Os relatos de viagens são fontes históricas singulares na medida em que aquele que enuncia o acontecimento muitas vezes narra a sua própria atuação. Aquele que enuncia é um narrador mas também um produtor do acontecimento narrado” (OLIVEIRA, 1990, p. 267).

Em certa altura do seu relato, o viajante pede desculpa aos “*indulgentes leitores*” pela sua narrativa pormenorizada dos acontecimentos. Trachsler deixa transparecer que deseja aprisionar seus leitores num jogo de sedução com uma série de descrições provocantes: “*doces lábios*”, “*boca de cereja*”, “*voluptuosos saracoteios com o corpo*”, “*sinuoso seio*”, “*rosa certamente ainda não tocada*”, são expressões que ponteiavam a trajetória da trama narrada. Posteriormente recua pedindo desculpa aos seus “*indulgentes leitores*” pelo relato detalhado, argumento que sua narrativa poderia servir “*eventualmente de introdução a um capítulo sobre os costumes brasileiros*” (BERGER, 1984). É como se, para explicar o modo como foi envolvido a participar, Trachsler colocasse na narrativa uma leitu-

ra capaz de tornar evidente sua participação mas, mediante um princípio que supostamente ele considerava nobre. E, ao eximir-se da culpa por ter usufruído dos “*prazeres mundanos*” narrados, inocenta as mulheres que visitava de qualquer referência à prática da prostituição. Este tema é abordado no final do seu relato quando seu batalhão deixa a cidade de “*São Francisco de Laguna*”.

“As mulheres mundanas seguiram-nos até aqui e teriam acompanhado os soldados ainda mais longe, não fosse dada ordem pelo coronel de enxotá-las com varas de carregar fuzil” (BERGER, 1984, p. 329).

O viajante não nos oferece qualquer possibilidade de identificação de quem eram essas mulheres que classifica como “*mundanas*”. Sua observação se torna interrogativa na medida em que coloca uma diferenciação entre as mulheres que acompanham os soldados até um determinado percurso da marcha, daquelas com quem dividiu momentos de inesquecível felicidade. Ao discernir com nitidez entre mulheres honradas e prostitutas, estaria Trachsler a informar para seus leitores que as mulheres com quem se envolvera não eram prostitutas e, dessa forma, tornando sua narrativa mais consistente e instigante na medida que exigiria do seu leitor um exercício de decodificação dos rituais de sedução? Ou estaria pré-julgando, como o fizeram outros viajantes, determinados comportamentos que seu olhar observava a partir dos seus valores, experiências e interesses?

Com base neste conjunto de falas sobre as mulheres da Ilha de Santa Catarina e do litoral, podemos acreditar na benevolência das mulheres desta região para com os viajantes ou estas atitudes femininas reincidentemente relatadas seriam uma criação do imaginário destes viajantes? Que instrumentos teríamos para testar a veracidade dos fatos narrados pelos viajantes ao descreverem as mulheres da Ilha e do litoral de Santa Catarina como sedutoras?

Uma primeira questão é indagar a veracidade das cenas de sedução relatadas pelos viajantes. Outra questão, diante da frequência destes relatos, é questionar qual o papel das mulheres nestes jogos de sedução. Pensar numa mulher submissa, que ficava à mercê dos jogos amorosos dos viajantes, também seria equivocado por impossibilitar-nos de compreender a própria dinâmica das formas de sociabilidade destas mulheres.

Uma outra leitura possível, para não incorrer no erro de não ver outras leituras subjacentes ao universo feminino, é a que relaciona, por exemplo, o casamento como a única oportunidade de realização para a mulher na sociedade patriarcal brasileira. “*Esta única alternativa permitida ao sexo feminino não podia deixar de favorecer o desenvolvimento intensivo da arte da sedução*” (SOUZA, 1987, p. 92).

Parece-nos que as mulheres da Ilha e do litoral não eram indiferentes ao jogo da sedução. Pelas narrativas dos viajantes podemos observar — resguardan-

do o que fazia parte do imaginário de quem narrava — que as mulheres destas regiões também, em determinados momentos, eram partícipes de situações envolventes. Nossa hipótese se justifica na medida em que todos os viajantes descrevem de forma sistemática uma mulher benevolente e amável. Em nenhuma ocasião encontramos referência ao contrário. Se de um lado só temos falas masculinas construindo a mulher sedutora, portanto, é a partir delas que contamos o que se passou na Ilha e no litoral, por outro, fica uma pequena dúvida diante dos papéis que elas encenaram. Em momento algum estamos a dizer que as mulheres destas regiões eram sedutoras, apenas chamamos a atenção do leitor para o fato de que, sem exceção, todos, absolutamente todos, os viajantes registraram uma mulher sedutora nesta região.

Nesta perspectiva, Heinrich Trachsler foi um sedutor seduzido pelos encantos da “*querida Francisca*” e por que não dizer do próprio acontecimento. Ele também é o convidado de Francisca e suas irmãs para o vivenciado naquele momento onde o café, o vinho e ceia configuravam os jogos das possibilidades sedutoras. O viajante e seus amigos, em determinados momentos, sucumbiram a todos os encantos das mulheres e foram expostos aos seus jogos.

Não é objetivo deste artigo ir em busca de uma verdade dos acontecimentos, e sim tentar compreender as práticas afetivas femininas que possibilitaram a construção da mulher sedutora na Ilha de Santa Catarina. “*O melhor conhecimento que se pode ter delas vem da descoberta de que papel elas encenam*” (Vincent-Buffault, 1988, p. 73), no cotidiano, onde as imagens são extraídas da sua visibilidade no espaço público de Nossa Senhora do Desterro.

Bibliografia

- BERGER, Paulo (org.). *Ilha de Santa Catarina* : relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. Compilado por Paulo Berger. 2.ed. Florianópolis. Editora da UFSC. Assembléia Legislativa, 1984.
- BRITO, Paulo José Miguel de. *Memória política sobre a capitania de Santa Catarina*. Florianópolis. Livraria Central, 1932.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Nossa Senhora do Desterro, memória 1 e 2*. Florianópolis. Lunardelli, 1979.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo. Brasiliense, 1984.
- DIBIE, Pascal. *O quarto de dormir: um estudo etnológico*. Trad. Paulo Azevedo Neves da Silva. Rio de Janeiro. Globo, 1988.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. 10.ed. Rio de Janeiro. José Olympio, 1961.

- OLIVEIRA, Henrique L. Pereira. *Os filhos da Falha* : assistência e remodelação das condutas em Desterro (1828-1887). São Paulo, 1990. Dissertação (Mestrado em História-Social) - setor de Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da História* : operários, mulheres e prisioneiros. Trad. Denise Bottman. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1988.
- RAGO, Margareth. *Os prazeres da Noite* : prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1991.
- SAMARA, Eni de Mesquita. *As mulheres, o poder e a família*. São Paulo. Marco Zero. Secretária de Estado da Cultura de São Paulo, 1989.
- SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem a Curitiba e Santa Catarina*. Trad. Regina Régis Junqueira. Belo Horizonte. Ed. Itatiaia, São Paulo. Edusp, 1978.
- SEIDLER, Carl. *Dez anos no Brasil*. Trad. Bertholdo Klinger. Belo Horizonte. Ed. Itatiaia, São Paulo. Edusp, 1980.
- SILVA, Maria B. Nizza da. *Sistema de casamento no Brasil colonial*. São Paulo. T. A. Queiroz. Edusp, 1984.
- SOUZA, Gilda de Mello. *O Espírito das Roupas* : a moda no século XIX. São Paulo. Companhia das Letras, 1987.
- VINCENT-BUFFAULT, Anne. *História das lágrimas* : XVIII-XIX. Trad. Luiz Marques e Martha Gambini. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1988.
- JORNAL O ARGOS — Florianópolis, SC - 1857.
- JORNAL O DESPERTADOR — Florianópolis, SC - 1868.